

VII Seminário FESPSP - “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 11 – Mídia, Política e Sociedade

A ascensão política da Alt-Right a partir do espaço cibernético norte-americano

Thiago Godoy Gomes de Oliveira¹ - FESPSP

Resumo: O presente trabalho visa tratar do surgimento e do fortalecimento do movimento meta-político, denominado Alt-Right, de fóruns digitais mais restritos, como o *4chan*, para redes sociais e sites mais próximos do *mainstream*, como o *Facebook* e o *YouTube*. Perante a eleição de Trump e as constantes associações dele a esse movimento político, é necessário compreender a evolução da Alt-Right de um movimento estritamente on-line para sua classificação como um novo player extremamente relevante e ativo na política desse país, como observado nas manifestações de nacionalistas brancos em Charlottesville, Virgínia, no último ano. Logo, cabe compreender sua ideologia, organização e as consequências do nacionalismo branco no meio digital. A pesquisa será de caráter bibliográfico, com uma abordagem qualitativa, sendo o método utilizado o hipotético-dedutivo; com uma pesquisa exploratória. Fará uso de dados secundários, sendo estas análises publicadas ou dados já apurados.

Palavras-Chave: Donald Trump – Movimentos Políticos – Estados Unidos.

1. Introdução: de cruces queimadas para *trolls* “intelectuais”

O discurso político reacionário – que rejeita o futuro em detrimento de um passado distante e nostálgico ou que, se quer, existiu – sempre esteve presente na formação histórica dos Estados Unidos da América. Consequentemente mais latente

¹ Pós-Graduando em Globalização e Cultura pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) e Bacharel em Relações Internacionais pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP). E-mail: thiagodoy_oliveira@hotmail.com

como uma resposta a algum avanço social: na primeira onda da *Ku-Klux-Klan*², ou *KKK*, (1866-1871), como uma resposta a abolição da escravidão (1863) no período pós Guerra-Civil (1861-1865); na segunda *Klan* (1915-1944), ressurgindo com o lançamento do filme *The Birth Of A Nation* (1915) – colocando o grupo como responsável pela formação moral e ética dos EUA, sendo o primeiro filme a ser exibido na Casa Branca pelo então presidente, Woodrow Wilson – reagindo a imigração, contrabando, corrupção, minorias e conquista de direitos políticos das mulheres; e em sua última encarnação (1950 até os dias atuais), se opondo ao Movimento dos Direitos Civis (1954-1968), que proibia a segregação e resguardava o direito do voto negro no país, se opondo também a outras ações afirmativas e à crescente imigração (McANDREW, 2017).

A primeira encarnação do movimento, amplamente mais violenta, não obteve a mesma popularidade de força política que a segunda onda de 1915, retomada com o longa-metragem de D. W. Griffith. Conscientes do poder de disseminação de ideais e valores através da indústria cinematográfica, a *KKK*, a partir da década seguinte, criou suas próprias companhias de filmes, produziu seus longas e os reproduziu em cinemas parceiros ou, em muitos casos, cinemas com proprietários ligados ao movimento (RICE, 2015). No decorrer da década, o *Klan* alcançou um número estimado de 5 milhões de membros efetivos, resultado em detrimento do reconhecimento prematuro desse movimento acerca da importância de fazer-se uso de novas tecnologias (DANIELS, 2018). Todavia, nos anos 30, o racismo escancarado em seus filmes acabou por incomodar executivos e produtores, proprietários de cinemas e, principalmente, a ampla maioria do público convencional, fazendo com que filmes e pré-produções ligadas à *Ku Klux Klan*, assim como novas obras que acabariam por ignorar totalmente a existência do movimento – mesmo que o material original tratasse ou desse alguma importância significativa a este –, fossem boicotadas do circuito de filmes da época. Em menos de uma década, o *Klan* conseguiu saturar o público e ser marginalizado novamente, como um grupo de extremistas raciais, violentos e queimadores de cruzes, sendo somente reservado para supremacistas brancos assumidos e orgulhosos. Aparentemente, o racismo violento e escancarado não tinha espaço para crescer nessa nação (RICE, 2015).

² Clã, dividido em três movimentos históricos, que defendiam posições reacionárias extremistas, como a supremacia branca, o nacionalismo branco e a anti-imigração. Utilizou-se de táticas terroristas (agressão física, assassinato, tortura, dentre outros) contra grupos ou indivíduos aos quais se opunham (McANDREW, 2017).

Destarte, ao mesmo passo em que o ativismo racista escancarado, representado pela *Ku-Klux-Klan*, perdeu força e público, o *highbrow white nationalism*, mais intelectualizado e facilmente institucionalizado, segundo Jared Taylor – nacionalista branco e uma das bases intelectuais desse novo movimento – conquistou o espaço do debate social e político convencional a partir do novo milênio nos Estados Unidos. Eis que em 2016, durante a corrida presidencial do país, a Alt-Right alcança o *mainstream* político. (HAWLEY, 2017, p. 26). Em sua essência, a Alt-Right corresponde a um movimento meta-político de nacionalistas brancos³, isto é, um movimento que tem como objetivo principal alterar a forma como a sociedade pensa questões raciais e como deve valorizar a identidade racial branca dentro da política convencional (MAIN, 2018, p. 12-13). Dessa forma, é um movimento que se coloca contra o discurso social do Partido Democrata e contra o conservadorismo tradicional e o Partido Republicano, uma vez que esses ignoram completamente a importância do identitarianismo⁴ na política. Segundo Thomas J. Main, PhD em política pela Universidade de Princeton, uma maneira de se pensar esse movimento seria como

[...] uma alternativa à mídia *mainstream* em que todas as coisas desconcertantes e alarmantes sobre raça, antissemitismo, e muito mais que seus antecessores paleoconservadores⁵ não ousaram publicar poderiam, finalmente, ser disseminada além de um público puramente marginal (MAIN, 2018, p. 67, tradução nossa⁶).

³ O nacionalista branco vai além do supremacista, uma vez que o segundo busca a criação de uma sociedade na qual diferentes raças possam existir desde que a branca seja a dominante em questões demográficas, sociais, políticas e econômicas. Já o nacionalista vai mais além: busca a criação de etno-Estados brancos em uma nação, sem a presença de qualquer outra etnia ou grupo (HAWLEY, 2017, p. 11-14).

⁴ Termo cunhado pelo criador do termo “alt-right”, Richard Spencer, corresponde à necessidade da população norte-americana branca em abraçar sua identidade racial na política e o jogar o jogo da identidade, já que outras minorias fazem o mesmo, impedindo a desapropriação dos brancos como classe social e política dominante no país (NEIWERT, 2017, p. 241-244).

⁵ Vertente do conservadorismo norte-americano da década de 1980, sendo uma resposta ao como domínio do neoconservadorismo, outro desdobramento conservador que defende um intervencionismo militar e político mais forte dos Estados Unidos em outros países, uma vez que o país possui um dever moral e providencial de garantir e expandir os valores democráticos mundo afora (TEIXEIRA, 2007). Apesar de o paleoconservadorismo ter sido uma forte fonte de influência para a Alt-Right, principalmente na figura de Patrick J. Buchanan – candidato a presidência desse movimento na década de 90 –, ao passo em que o primeiro promove uma reorganização do conservadorismo, com um viés mais tradicionalista, os alt-righters visam destruí-lo. Logo, muitos paleoconservadores, prontamente, buscaram se distanciar da retórica racial desse novo movimento (HAWLEY, 2017, p. 29-33).

⁶ [...] an alternative to mainstream media in which all the baffling and alarming things about race, anti-Semitism, and much else that its paleoconservative predecessors dared not put into print could at last be disseminated beyond a purely fringe audience (MAIN, 2018, p. 67).

Apesar de, inicialmente, deter um viés acadêmico forte quando surgiu como um movimento idealizado por Richard Spencer há quase dez anos atrás, após 2012 a Alt-Right perdeu certa força nos sites iniciais ligados a Spencer, e nos anos seguintes acabou por migrar para fóruns digitais menos conhecidos. Ainda detendo o mesmo teor nacionalista branco, transformou-se em um movimento mais transgressivo, antissistema, satírico, conspiracionista, antifeminista e com uma bagagem intelectual básica, utilizando-se do politicamente incorreto e de um humor extremo para naturalizar o racismo no debate político – enxergando-se como a nova contracultura política, prestes a derrubar o *establishment* político em vigor (WENDLING, 2018, p. 79-84). Sem esse renascimento em fóruns digitais a Alt-Right dificilmente ressurgiria com a mesma força e coordenação entre seus membros como fizera em 2016.

Por questões meramente metodológicas, o foco maior será dado ao âmbito digital desse movimento, sendo que, quando necessário, as influências acadêmicas ou de movimentos políticos anteriores – de origem norte-americana ou não – serão resgatadas. Logo, cabe compreender quais os percussores desse movimento na internet e como encontrou força e espaço para se desenvolver, assim como qual o grau de influência política de suas ideias no âmbito digital nos Estados Unidos, tendo como ponto de partida a criação do site *Stormfront* em 1996.

2. Principais plataformas digitais

Em 1998, o Grande Mago da *Ku Klux Klan* – posto mais alto da liderança do grupo –, David Duke escreveu em seu site acreditar "que a internet vai começar uma reação em cadeia de iluminação racial que vai abalar o mundo pela velocidade de sua conquista intelectual" (apud DANIELS, 2018, p. 63, tradução nossa⁷). Em 1996, Duke se uniu a outro Grande Mago do grupo, Don Black, para criar o *Stormfront*, o primeiro de uma série de *sites* que viriam a se espalhar ao longo das últimas décadas. Em seus momentos iniciais, o *site* já contava com uma média de 300 mil usuários registrados. Apontado para uma transição da *KKK* de panos brancos e fantasmagóricos para a segurança do anonimato digital em um local seguro (DANIELS, 2018, p. 63-4).

⁷ I believe that the internet will begin a chain reaction of racial enlightenment that will shake the world by the speed of its intellectual conquest (DUKE, 1998, apud DANIELS, 2018, p. 63).

O *Stormfront*, basicamente, funciona como uma sala de bate-papo extensa e com diversos grupos pequenos que abordam diversos tópicos que englobam o teor do nacionalismo branco: desde *podcasts* diários apresentados por Black com a participação de David Duke, notícias, guias ideológicos de como se tornar um nacionalista branco, comunidades de “*sharia* branca” e “admiradores da SS”, até postagens convocando brancos para formarem milícias de vigilância com armas de fogo, “como lidar com sua acne”, uma seção de “solteiros e brancos” e “como conseguir a mulher CERTA”. A descrição oficial do *site* é a que segue:

Somos uma comunidade de realistas e idealistas raciais. Somos nacionalistas brancos que apoiam a *verdadeira* diversidade e pátria para *todos* os povos, inclusive o nosso. Nós somos a voz da nova minoria branca em apuros! *A verdade é o ‘ódio’ para aqueles que odeiam a verdade!* (STORMFRONT, 2018, tradução nossa⁸).

Logo, o objetivo principal é criar uma comunidade segura e engajada, cooptando uma narrativa – como a própria descrição aponta – de perseguição a “minorias” brancas e a “verdade” que ela busca defender. Consequentemente, essa comunidade acaba gerando um elevado sentimento de pertencimento entre seus membros. Mesmo sendo um percussor distante da Alt-Right, já é possível identificar tópicos semelhantes ao movimento além do nacionalismo branco, como o culto a masculinidade e ao autoritarismo, narrativas conspiratórias e antissemitismo. Por serem “oportunistas inovativos”, Don Black, em 1999, registrou um novo *site* sob o nome de *martinlutherking.org*, criando um *site* camuflado – aparentando ser um tributo a figura de Luther King. Essa nova plataforma, ativa até meados de 2018, trazia informações falsas sobre a trajetória do ativista falecido desde 1968, com o intuito de que indivíduos – especialmente jovens – ao pesquisar sobre o Dr. King esperando encontrar informações corretas, fossem redirecionados para uma aba de discussão no *Stormfront* chamada de “A verdade sobre Martin Luther King” e confrontados com uma narrativa que deslegitimasse os feitos políticos dessa figura, apresentando um revisionismo histórico sob a ótica branca. Com uma estrutura rudimentar, esse antigo *site* camuflado demonstra a capacidade histórica desse movimento em encontrar vulnerabilidades em novas tecnologias, encontrando

⁸ We are a community of racial realists and idealists. We are White Nationalists who support *true* diversity and a homeland for *all* peoples, including ours. We are the voice of the new, embattled White minority! *The truth is ‘hate’ to those who hate the truth!* (STORMFRONT, 2018).

“vácuos” nos quais sua ideologia possa ser inserida, disseminada e apreciada por simpatizantes e por potenciais novos membros (DANIELS, 2018, p. 63).

Apesar de o *Stormfront* ter sido o primeiro *site* nacionalista branco on-line e uma fonte de inspiração para a Alt-Right, não seria prudente elencá-lo como um *site* que representa as ideias dessa “nova direita”, uma vez que suas origens estritamente próximas com a *Ku Klux Klan* afastam sua concepção inicial da ideologia fundadora da Alternative Right – mesmo que, atualmente, seja notória a presença de usuários com o viés humorístico desse movimento (STORMFRONT, 2018). O foco dado a criação de David Duke e Don Black, contudo, encontra uma justificativa: trata-se da primeira presença do nacionalismo branco nessa nova tecnologia. Logo, cabe discorrer sobre a continuada evolução cronológica da Alt-Right no ciberespaço, elencando outras plataformas percussoras do movimento e as que, a partir do início “oficial” dessa direita alternativa, passaram a carregar a bandeira on-line dessa ideologia.

A *American Renaissance*, (AR ou AmRen) primeiramente operando como uma revista física (1990-2012) fundada por Jared Taylor, apesar de possuir um correio eletrônico desde 1994, não representou a mesma influência que o *Stormfront*. O termo cunhado por Taylor, *highbrow white nationalism*, exemplifica bem a dinâmica do *site*: seu conteúdo e as publicações compiladas e escritas por Jared Taylor serviam como uma base acadêmica de referência para o que viria se constituir como a Alt-Right nos anos posteriores a 2008⁹, justamente pelo forte viés acadêmico e pela ausência de uma comunidade digital, como no caso do site de Duke. Apesar da pouca influência inicial, o AmRen e a figura de Taylor tornaram o *site* uma referência intelectual para que simpatizantes pudessem ser imersos nessa ideologia. Como o próprio *site* aponta em sua descrição, o *American Renaissance* é o *site premier* sobre realismo racial¹⁰ na *internet* (AMERICAN RENAISSANCE, 2018).

Posteriormente, a fundação do *VDare* direcionou sua atenção para outro tópico de extrema importância na pauta do nacionalismo branco: o foco em políticas

⁹ Ano da primeira menção do termo *alternative right* em um artigo elaborado por Richard Spencer e seu tutor no período, e figura paleoconservadora, Paul Gottfried. Após o desenvolvimento forte do antissemitismo no movimento, Gottfried, de origem judaica, buscou evitar qualquer associação futura com a Alternative Right ou Spencer (HAWLEY, 2017, p. 51-3).

¹⁰ Conceito que acredita em diferenças raciais e na importância dessas distinções na organização social e política de uma sociedade. Destarte, a discriminação racial torna-se justificável. (MAIN, 2018, p.176).

anti-imigratórias. Em 1999, Peter Brimelow fundou seu *website* como uma forma de combate ao *Immigration Act* de 1965, que eliminou cotas raciais na imigração – tirando a prioridade antes pertencente a indivíduos brancos. O diferencial inicial do *VDare*, além do foco na imigração, fora a capacidade de transitar entre a direita extremista e o *mainstream* conservador com a publicação de notícias e artigos, tendo, por exemplo, Jared Taylor como um de seus colaboradores (NEIWERT, 2017, p. 227-8). As diretrizes institucionais da criação de Brimelow representam pontos cruciais na ideologia da Alt-Right: (1) renega o multiculturalismo, tratando-o como o maior responsável pelo distanciamento da “real” identidade norte-americana; (2) diferenças entre indivíduos não são construídas socialmente, reiterando o viés de diferenças raciais pautadas em questões biológicas; (3) defesa e legitimidade da identidade racial e cultural branca dos EUA, tratando a diversidade não como uma força, mas como fraqueza (VDARE, 2018).

Em meados de 2005, William Regnery II – herdeiro da *Regnery Publishing* e que financia projetos nacionalistas brancos – fundou o National Policy Institute (NPI), um *think tank* que, até Richard Spencer assumir a presidência em 2011, não detinha popularidade considerável. A presença de Spencer no NPI permitiu uma institucionalização da Alt-Right, uma vez que sua revista digital, *Alternative Right*¹¹, criada em 2010, representou o primeiro domínio on-line ligado diretamente ao movimento iniciado dois anos antes. Em 2012, Spencer abandona a liderança do *site* e, em dezembro do ano seguinte, encerra as atividades das plataformas sem notificar seus novos editores, gerando controvérsias dentro do movimento – apesar disso, os novos editores, Colin Liddell e Andy Nowicki, reativaram a revista e continuaram suas atividades sem Spencer. Distanciando-se de sua antiga criação, Richard Spencer criou, em 2013, um novo *website* com publicações impressas denominado *Radix Journal*¹², com trabalhos originais sobre cultura, raça, tradição, meta-política e teoria crítica, e, em 2017, o *AltRight.com*, revista digital que reúne escritores e analistas internacionais¹³ (HAWLEY, 2017, p. 57-64).

¹¹ Em abril de 2018, o *site* mudou seu endereço para *Affirmative Right* como uma forma de distanciar-se do *Alternative Right*, já que Liddell julgou que o movimento angariou uma dispersão massiva e uma toxicidade considerável (LIDDELL, 2018).

¹² Segundo o próprio site, “Radix é uma palavra latina que significa ‘raiz’ ou ‘tronco’. É a base de várias palavras familiares em inglês, incluindo ‘radical’ e ‘raça’. O ‘extremista’ – isto é, aquele que leva as coisas longe demais – é meramente excessivo. O radical, no verdadeiro sentido da palavra, procura descobrir o coração e a fonte da questão” (RADIX JOURNAL, 2018).

¹³ Aparentemente, o site encontra-se em hiato, sendo a última publicação ocorrida em junho de 2018 (ALTRIGHT.COM, 2018).

Nos anos seguintes ao NPI foram criadas três revistas digitais: o *Occidental Observer* (2007), de Kevin MacDonald; *Occidental Dissent* (2008), de Brad Griffin – utilizando o pseudônimo, Hunter Wallace –, que operava no formato de *blog*; e a *Counter-Currents Publishing* (2010), de Greg Johnson, funcionando como uma editora de livros físicos e digitais sob o viés do nacionalismo branco com um catálogo de mais de quarenta livros – sendo que um quinto desses foram escritos por Johnson através do seu alter ego, Trevor Lynch. Inicialmente, com um viés mais acadêmico, os dois primeiros *websites* acabaram por abraçar um viés mais extremista e menos requintado conforme o movimento foi crescendo em fóruns virtuais desde 2014. Cabe destacar que o *site* de Johnson veio a se tornar um dos “pilares” da publicação acadêmica da Alt-Right, popularizando obras em solo norte-americano e europeu (NEIWERT, 2017, p. 228-9, 244-6).

Antes da criação do *Radix*, Mike Enoch, nacionalista branco com inclinações neonazistas, fundou, em 2012, um dos *blogs* mais importantes do movimento, o *The Right Stuff* (TRS). O mesmo teor racial pautado em distinções biológicas também se faz presente nesse *blog*. Todavia, o antissemitismo e um caráter autoritário, flertando com tendências fascistas e neonazistas, com o intuito de preservar a pureza racial branca. O caráter conspiratório de uma mobilização de uma elite judaica internacional que tem como objetivo eliminar a primazia branca, é um ponto notório da criação de Enoch. Consequentemente, é caracterizado como uma das plataformas mais importantes dentro da Alt-Right. Mesmo adotando o *highbrow white-nationalism* em seus artigos como outros *sites*, o TRS conseguia, simultaneamente, adotar ofensas raciais mais escancaradas em suas publicações, sendo responsável por popularizar termos e gírias on-line do movimento¹⁴. Além disso, o anonimato virtual da Alternative Right também popularizou-se no *The Right Stuff*, uma vez que seus escritores protegessem suas identidades através de pseudônimos cômicos, como, por exemplo, *Cocky Caucasian* (ou, branco convencido). Aliado ao crescimento do movimento no *4chan* após 2014, TRS começou a publicar diversos guias sobre a arte do *trolling* virtual, consolidando o viés humorístico da Alt-Right – esse aspecto será abordado com maior profundidade no próximo segmento do trabalho (HAWLEY, 2017, p. 71-73).

¹⁴ Popularizou o termo *echoes* ao se referir a elite judaica, utilizando um parêntese triplo como ao se referir a esta – “(((eles)))” (HAWLEY, 2018, p. 72).

O viés mais radical e humorístico desse movimento meta-político é representado pelo *Daily Stormer*, um *site* no estilo de *message board* – área de discussão on-line na qual os usuários podem criar tópicos e participar de discussões –, criado por Andrew Anglin, em 2013, como uma homenagem ao *Der Stürmer*, um jornal alemão que publicou propaganda nazista de 1923 até o final da Segunda Guerra. Sendo *Total Facism* o nome de seu primeiro *website*, Anglin buscou construir o *Daily Stormer* após uma forte imersão na ideologia neonazista e o desenvolvimento de uma simpatia com ideais hitlerianos durante o período que frequentou alguns fóruns do *4chan*. Consequentemente, o *site* foi estruturado como uma extensão de alguns fóruns, sendo uma plataforma que potencializava ofensas raciais, machistas e extremamente antissemitas, aliava-as a linguagem cômica dos *memes*¹⁵ e teorias conspiratórias e as disseminava entre seus membros em um local que reunia o *core* radical e desorganizado do público da Alt-Right. Assim como o TRS, também publica artigos de figuras importantes dentro do movimento. Complementando a esfera mais tóxica do movimento, o *website Danger & Play*, fundado em 2012 por Mike Cernovich e desativado desde outubro de 2018 pelo mesmo, compõe parte fundamental da *manosphere* – “bolha” virtual que engloba questões de direitos dos homens, a masculinidade e pautas antifeministas, sendo o *4chan* o local de florescimento dessa bolha – da Alternative Right, também trazendo as mesmas narrativas conspiratórias e raciais (NEIWERT, 2017, p. 255-7).

O caráter do anonimato on-line do movimento, quando associado à necessidade de estipular o tamanho deste, apresenta um nítido entrave metodológico. Além disso, firmar com veemência uma média concreta da demografia dos membros da Alt-Right caracteriza outra problemática: muitos dos alt-righters, no preenchimento de questionários, alteram, propositalmente, seus dados, com a intenção de desinformar e manter aqueles que não estão no movimento do lado de fora – mantendo distância dos *normies*¹⁶. Destarte, monitorar o histórico do número de acessos a *sites* ligados à Alternative Right pode apresentar-se como uma ferramenta útil para estimar o crescimento do movimento.

¹⁵ Originado da palavra grega *mimema*, que significa imitação, refere-se a uma unidade cultural transmitida através da imitação. Foi introduzido em 1976 pelo biólogo britânico, Richard Dawkins, podendo ser representado pela transmissão de uma ideia, habilidade, frase, comportamento, um modal, ou, atualmente, como vídeos e imagens repassados através de redes sociais – podendo reter um caráter cômico mais leve ou mais pesado (BRITANNICA, 2018).

¹⁶ Indivíduo branco que não faz parte do movimento (HAWLEY, 2017, p. 74).

Utilizando o *SimilarWeb.com* – site que monitora o tráfego online – e o *Media Bias/Fact Check* – plataforma digital independente que utiliza uma metodologia estrita para determinar o viés de fontes –, Thomas J. Main comparou o crescimento no número de acessos de *sites* e revistas digitais ligadas a Alt-Right, de outubro de 2015 a fevereiro de 2018, e os comparou com os acessos a *sites* com um viés de direita, centro-direita, menos enviesados, centro-esquerda e de esquerda, no mesmo período. Apesar de o número total de acessos ainda serem consideravelmente inferiores, as plataformas digitais ligadas a Alternative Right alcançaram um crescimento de 33%, ao passo que os *sites* com viés mais para a esquerda e para a direita detiveram 17% e 15%, respectivamente. Mesmo com um crescimento considerável, a audiência da Alt-Right ainda aparenta ser inexpressiva, quando comparada com outras. Todavia, observando os acessos a cada *site* selecionado, o *Daily Stormer*, por exemplo, pontuou uma média mensal de 956.000 visitas e 247.000 visitantes únicos, o *The Right Stuff* obteve uma média de 1,1 milhões de visitas, crescendo 122% nesse período (2018, p. 14-27).

Com uma média ainda pequena quando comparado ao número de acessos e de veículos mais convencionais, como o *National Review* ou *CNN*, o número de acessos a Alt-Right demonstram um movimento em crescimento, mas ainda atrofiado no quesito demográfico. Entretanto, por ser classificado como movimento meta-político, expandir o número de membros ativos não é seu objetivo principal. Influenciar e naturalizar ideais nacionalistas brancos no inconsciente coletivo não requer um número elevado de membros oficiais fantasiados com lençóis brancos distribuindo panfletos informativos para que o cidadão médio se junte a causa. O meio digital e as táticas, descritos no próximo tópico, compensam pelo número total de alt-righters.

3. 4chan, trolling e Pepe

Aliado aos *sites* tradicionais ligados à Al-Right – que auxiliaram na evolução acadêmica e popular do movimento – a gestação da cultura do movimento ocorreu em grande parte em um dos fóruns digitais mais famosos, o *4chan*. Criado em 2003 por um adolescente chamado Chris Poole, o fórum tinha como objetivo compartilhar *memes* e pegadinhas on-line, já contando com um aspecto altamente misógeno e contra a cultura do politicamente correto (*PC culture*), alcançando em 2011 uma média de 750 milhões de acessos semanais. Não sendo necessário o registro de

usuários, o anonimato, assim como na Al-Right, foi parte central na estruturação do *4chan*. Gradualmente, o aspecto do anonimato permitiu que temas mais extremos, como anti-imigração, antissemitismo, racismo, pornografia, imagens de violência explícita e encorajamento ao suicídio fossem se materializando através de *memes* (NAGLE, 2017. P. 17-9).

O que nós agora chamamos de alt-right é, na verdade, essa coleção de muitas tendências separadas que cresceram de maneira semi-independente, mas que se juntaram sob a bandeira de uma explosão de políticas culturais anti politicamente correto através das guerras culturais dos últimos anos (NAGLE, 2017, p. 23, tradução nossa¹⁷).

O desenvolvimento de uma direita com um viés humorístico agressivo nesse meio deve-se ao vácuo digital deixado nessa plataforma por uma esquerda mais libertária, uma vez que, por serem antagonistas à *PC Culture*, cada vez mais disseminada na sociedade norte-americana, acabou por tornar a esquerda um movimento *mainstream* mais aceito na esfera digital – manifestando-se em redes mais convencionais, como o *Facebook* e o *Twitter* (Ibid, p. 18-22). Dessa forma, a “marginalização” da social da direita e a radicalização digital dessa no *4chan*, no *Reddit* e, mais tarde, no *8chan*¹⁸, pode ser melhor explicada através do conceito da espiral do silêncio.

Esse conceito de 1977 desenvolvido por Elisabeth Noelle-Neumann, uma cientista política alemã, em suma, discorre que os indivíduos que possuem opiniões majoritárias e mais facilmente aceitas detêm uma predisposição maior a se manifestarem, ao passo que aqueles que portam opiniões minoritárias ou pouco aceitas tendem a se calar. Logo, com a percepção de que suas opiniões sempre serão execradas, esses indivíduos acabam por, num primeiro momento, calar-se, para que, em seguida, isolem-se em grupos nos quais essas opiniões e ideias possam ser manifestadas. Consequentemente, com o fortalecimento desse grupo ou movimento, essa espiral acaba por romper-se, manifestando e rivalizando abertamente essas opiniões minoritárias com as majoritárias – uma vez que há a percepção de que essas ideias, antes sem força, agora possuem a possibilidade de

¹⁷ What we now call the alt-right is really this collection of lots of separate tendencies that grew semi-independently but which were joined under the banner of a bursting forth of anti-PC cultural politics through the culture wars of recent years (NAGLE, 2017, p. 23).

¹⁸ Ambos funcionam de maneira similar ao *4chan*. O *Reddit* engloba o aspecto mais *mainstream* e menos radical do movimento, com postagens acerca de Trump e anti-feminismo, ao passo que o *8chan* representa o fórum de discussão mais radical da Alt-Right – tornando-se um local de refúgio para o movimento quando as regras do *4chan* ficaram mais rígidas, como uma tentativa de expurgar nacionalistas brancos do *site* (NAGLE, 2017, p. 86;18).

serem as ideias majoritárias (NOELLE-NEUMANN, 2017). O predomínio político do Partido Democrata e de uma esquerda progressista nos Estados Unidos, aliado à oposição do Partido Republicano que, aos olhos de seus críticos, representava mais uma casta política seleta¹⁹, e a democratização da liberdade de expressão on-line, permitiu a gestação do aspecto cultural da Alternative Right desde a criação do *4chan* e, mais claramente, a partir de 2011.

A cultura digital da Alt-Right, como citado anteriormente, possui um caráter cômico agressivo. Assim como o viés acadêmico, a utilização do humor e de *memes* corresponde a outra característica peculiar desse movimento em relação a outros movimentos de nacionalismo branco anteriores: de uma forma descontraída e engraçada, ideais racistas são internalizados por indivíduos e naturalizados no meio social. Essa internalização do que é aceitável ou não é alcançada através do *Overton Window* (ou Janela de Overton), amplamente conhecido pelos membros da Alt-Right. Nesse conceito, há diversas ideias que podem gerar menos e mais liberdade, sendo que somente conseguirão ser implementadas e aceitas com facilidade aquelas que se encaixem nessa “janela”, sendo compartilhadas abertamente na sociedade. A tese defendida pelo movimento é a de que, ao trazer questões e ideias impensáveis para o debate político, será possível deslocar e aumentar o volume do que deve ser aceitável nessa “janela” de ideias (WENDLING, 2018, p. 37-8).

Muitos dos *boards* criados por nacionalistas brancos no *4chan* funcionavam como um mecanismo de recrutamento explícito, transformando o racismo irônico em um racismo “sincero”. O ponto de virada que demonstrou a presença da Alt-Right nesse site ocorreu em 2014 com o *Gamergate*, que consistiu na primeira grande mobilização de perseguição virtual de diversos alt-righters, no qual uma desenvolvedora de jogos, Zoe Quinn, fora acusada de envolvimento antiético com um jornalista para obter críticas positivas de seu jogo recém lançado (Ibid, p. 57-8). Após seu ex-namorado ter escrito em um *blog* relatos sobre a desenvolvedora e a acusando de o ter traído, Quinn, assim como outras desenvolvedoras e jornalistas, foram perseguidas virtualmente, sendo ameaçadas de morte e estupro, tendo e-

¹⁹ Os republicanos tradicionais são denominados como *cuckservatives* pelo movimento. Originado no insulto medieval *cuckhold* – sendo este um homem que permite que sua esposa tenha relações sexuais fora do casamento –, faz referência a conservadores que não dão devida importância ao identitarianismo, não defendendo os interesses brancos e auxiliando na ascensão de minorias e do multiculturalismo (WENDLING, 2018, p. 84-85).

mails pornográficos enviados a seus familiares e suas contas virtuais invadidas e dados pessoais divulgados – uma tática virtual denominada *doxxing* (NAGGLE, 2017, p. 24-5). Apesar de muitos terem defendido o *Gamergate* como um movimento que buscava denunciar a falta de ética na indústria de jogos e na esfera jornalística, o sequestro dessa pauta pela Alt-Right demonstrou um aspecto crucial do movimento: apesar da falta de lideranças claras ou de qualquer estrutura hierárquica oficial ou permanente, sua capacidade de coordenação on-line era latente quando era necessário alcançar um objetivo coletivo – sendo esse episódio o primeiro de muitas ações virtuais conspiratórias do movimento²⁰

Rapidamente, o *4chan* tornou-se uma plataforma altamente tóxica, uma vez que mais de 12% dos *posts* políticos possuíam algum discurso de ódio ao passo que somente 2% das publicações em outras redes sociais detinham essa mesma característica, sendo que 2% das postagens totais sobre política feitas na plataforma apresentavam o termo *nigger* (WENDLING, 2018, p. 59). Somada a essa agressividade, a campanha do *Gamergate* demonstrou o poder do *trolling* digital dentro do movimento, passando a ser uma tática convencional da Alternative Right.

O termo “trolling” referia-se originalmente ao ato de pescar com uma linha longa, deixando sua isca bem no fundo e lentamente percorrendo qualquer lago ou mar até que algum peixe não tão inteligente mordesse sua isca e você o fisgasse, e então o atraía lentamente. Isso descreve mais ou menos o comportamento dos trolls digitais também, enquanto navegam por blogs, salas de bate-papo, fóruns e contas do Twitter em busca de novos e ingênuos idiotas para fisgar (NEIWERT, 2017, p. 221, tradução nossa²¹).

Antes uma prática inofensiva, esse novo *trolling* estava estritamente ligado ao sadismo, justamente pelo prazer gerado em humilhar observar o sofrimento alheio ao contrapor um debate argumentativo em uma seção de comentários com um comentário degenerado e cômico, atacando, muitas vezes, aspectos físicos de um indivíduo – podendo também ser praticado em grupo contra um alvo. Engajar e

²⁰ Como no caso do *Pizzagate*, na qual, dias antes das eleições presidenciais, graças aos vazamentos dos e-mails de Clinton, fora fabricada a narrativa de que havia um círculo de pedofilia internacional ligado a casta política de Washington, D.C. – mais especificamente, Hillary Clinton e John Podesta, presidente da campanha de Hillary –, sendo a pizzeria *Comet Ping Pong* o local no qual o tráfico sexual de crianças e os atos de pedofilia ocorriam. A teoria ganhou tamanha cobertura midiática e virtual que, meses depois, resultou em um tiroteio no estabelecimento por parte de um indivíduo que exigia que tinha como objetivo libertar as crianças presas no local – felizmente, ninguém morreu no incidente (NEIWERT, 2017, p.162-5).

²¹ The term “trolling” originally referred to the act of fishing with a long line, dropping your lure out deep behind you and slowly chugging around whatever lake or sea you might be on until some nice, not-so-smart fish took your bait and you hooked him, then slowly reeled him in. That more or less describes the behavior of digital trolls, too, as they cruise blogs and chat rooms and forums and Twitter accounts in search of fresh gullible suckers to reel in (NEIWERT, 2017, p. 221).

ganhar uma discussão com um troll, logo, torna-se impossível, uma vez que argumentos lógicos e bem estruturados não são o objetivo do debate, mas sim humilhar o “inimigo”. Tal prática tem de ocorrer, necessariamente, na presença de uma plateia, caso contrário, toda a ação torna-se sem sentido. Perante um público, essa tática atrai dois resultados esperados: humilhar o alvo e, conseqüentemente, seduzir os que não estão no movimento, apresentando a Alt-Right como algo transgressivo – como a nova contracultura (NEIWERT, 2017, p. 224). A cultura digital dessa direita alternativa porta-se como um movimento altamente sedutor para jovens brancos desmotivados com aspectos políticos, culturais e de relacionamentos sociais – que sentiam portar uma identidade “marginalizada” –, apresentando-se como uma possibilidade de aceitação um coletivo maior, angariando um alto sentimento de pertencimento e, conseqüentemente, auxiliando nas etapas do processo de radicalização (Ibid, p. 266). Dessa forma, na linguagem do movimento, seus membros eram *red pill*²²

Compreender a linguagem peculiar de seus *memes* torna-se mais fácil quando analisamos o maior símbolo do movimento: *Pepe, the frog*. Concebido como um personagem de um *webcomic* chamado *Boys Club*, criado por Matt Furie, a trama centrada em um humor corporal grosseiro, psicodélico e de uso de drogas, tinha *Pepe* como um dos quatro personagens principais. Sua popularidade veio em uma tirinha que o retratava urinando em pé, com as calças até os tornozelos e que, após ser questionado sobre sua escolha incomum, somente respondeu “*feels good man*”²³. A situação escatológica e a resposta descontraída do sapo refletiam em um desejo almejado por muitos: não dar a mínima para expectativas de terceiros. Sua popularidade expandiu-se rapidamente, imigrando para o *4chan* e outras redes sociais como um *meme* inofensivo e inocente. Nesse momento *Pepe*, como qualquer outro *meme*, havia se transformado em um criação coletiva, já que diversas variações de emoções e situações com o sapo foram criadas com base nos traços iniciais de Furie (PLACIDO, 2017)

²² Como muito da linguagem da Alt-Right é derivada de ícones da cultura-pop, como *Clube da Luta* (1999) e *Psicopata Americano* (2000), o termo *red pill* é uma referência a uma cena icônica do filme *Matrix* (1999) na qual o personagem principal tem a escolha de tomar a pílula azul e esquecer que os conceitos de realidade que o guiam são falsos, ou tomar a pílula vermelha e ser libertado dessa falsa realidade. Os alt-righters, dessa maneira, se enxergam como agentes que possuem a responsabilidade de “despertar” indivíduos da ignorância globalista, introduzindo narrativas conspiratórias antisemitas e acerca do nacionalismo branco (HAWLEY, 2017, p. 83-4).

²³ É bom, cara (PLACIDO, 2017, tradução nossa).

A apropriação de *Pepe* também ocorreu, como esperado, por parte de *trolls* mais radicais, resultando em *memes* no qual era portado com símbolos nazistas, trajes da *Ku Klux Klan*, nu, cometendo suicídio, dentre outros. Uma projeção maior no *mainstream* ocorreu quando Hillary Clinton, durante as eleições presidenciais de 2016, o classificou como um símbolo de ódio e quando Donald Trump retuitou uma imagem na qual *Pepe* era retratado como o então candidato. Logo, a figura do sapo inocente foi classificada como um símbolo de ódio pela *Anti-Defamation League*, sendo expurgado de muitas redes sociais convencionais. A deturpação dessa figura foi tamanha que, em 2017, Matt Furie fez um tirinha na qual *Pepe* era morto, sinalizando seu descontentamento total com o rumo de sua criação (Ibid). Todavia, nem o assassinato do sapo pelo próprio criador fora o bastante: *Pepe the frog* resume a essência dos *memes* e da atuação engraçada, irônica, vulgar e, aparentemente, inofensiva da Alt-Right – nada mais justo que ele viesse a se tornar a cara do movimento (HAWLEY, 2017, p. 2-3).

4. Alt-Lite e o *mainstream*

Com o crescimento da fama da Alt-Right durante a campanha presidencial de Donald Trump, ocorreu uma divisão no movimento, agora com uma nova vertente chamada de Alt-Lite (ou Alt-Light). De uma forma sucinta, a Alt-Lite distancia-se da Alternative Right ao negar o aspecto do identitarianismo, ou seja, não há aqui um apoio aberto aos aspectos de nacionalismo branco do movimento. Aparentemente, a popularidade da Alt-Right em 2016 permitiu que o termo “alt-right” fosse associado por muitos como um termo genérico para indivíduos com fortes inclinações para uma direita mais radical e menos conservadora. Apesar de o termo “alt-lite” não ser utilizado por ninguém do movimento – os que fazem parte da Alt-Lite se enxergam como a verdadeira Alt-Right – torna-se uma ferramenta metodológica eficiente para compreender essa nova derivação do movimento: os aspectos anti-imigração e raciais, mesmo que não tão extremistas, ainda estão presentes nesse novo segmento, depositando um foco maior na superioridade cultural da identidade europeia e ocidental, com um aspecto mais libertário, focando na legalidade da imigração e na problemática da islamização, sendo, contudo, contrária à segregação ou deportação de imigrantes legalizados (Ibid, p. 140-4).

O extenso alcance de ideias da Alt-Lite é atribuído, em grande parte, pelo crescimento da influência do *site* de notícias *Breitbart News Network*. Fundado em

2005 por Andrew Breitbart, a plataforma funcionava como qualquer outro *site* de inclinações conservadoras, trazendo alto criticismo aos liberais democratas mas com certa ponderação jornalística. Entretanto, com a morte de Andrew e a ascensão de Steve Bannon, o caminho menos radicalizado do *Breitbart* deixou de ser uma possibilidade. Bannon já possuía uma reputação consolidada, atuando como vice-presidente da *Cambridge Analytica Ltd*²⁴ – empresa de consultoria política britânica fechada em 2018 que combinava compilação de dados, intermediação de dados e análise desses com comunicação estratégica em corridas eleitorais, estando envolvida em um escândalo de manipulação eleitoral através do uso de dados privados de perfis no *Facebook* durante a corrida presidencial de 2016, na qual prestava serviços a Trump, – produzindo diversos longas-metragens e livros contra o islamismo e o *establishment* liberal. Gradativamente, seu conteúdo publicado não remetia, de longe, a uma fonte de notícias tradicional ou objetiva, e nem um *site* com centenas de notícias falsas para conquistar acessos: normalmente, *Breitbart* buscava relatar fatos, mas com uma inclinação política nítida para uma direita mais radical, assumindo o papel de uma fonte de notícias que atua com a coragem que falta à mídia convencional – promovendo a narrativa conspiratória e um racismo “leve”, se comparado a Alt-Right (WENDLING, 2018, p. 111-6).

Em 2016, Bannon declarou que o *site* havia se tornado a plataforma digital da Alt-Right, ao passo que Milo Yiannopoulos²⁵, ex-jornalista do *Breitbart*, buscou, sucessivamente, afastar o movimento do identitarianismo, gerando um descontentamento dos alt-righters mais convencionais, uma vez que, por representar a Alt-Lite, o ponto principal do movimento – o nacionalismo branco – era deixado de lado, fazendo com que a verdadeira Alternative Right aparentasse não dar importância a identidade racial branca (MAIN, 2018, p. 210-4). Apesar de uma

²⁴ E-mails vazados entre a empresa e a *Leave.EU*, organização de extrema-direita europeia favorável ao *Brexit*, datados de 2015 apontam o envolvimento de Bannon na articulação da campanha em prol da saída do Reino Unido da União Europeia, uma vez que seu e-mail pessoal aparece nessa triangulação de informações (MAYER, 2017).

²⁵ Um católico e homossexual assumido de descendência greco-judaica, Milo fora responsável por consolidar a popularidade dessa vertente mais moderada, exercendo alta influência através do *Twitter* – antes de ser banido -, de *podcasts*, livros e palestras. Ganhou mais notoriedade a partir do episódio do *Gamergate* e seus ataques antifeministas as desenvolvedoras e jornalistas envolvidas na controvérsia. Sua retórica, amplamente baseada no *trolling* digital, foi adotada por muitos de seus seguidores e ouvintes. Sua orientação sexual e descendência judia, conseqüentemente, desagradavam a ala mais radical da Alt-Right. Sua maior contribuição para o movimento foi a matéria publicada no *Breitbart* intitulada *A Conservative's Guide to the Alt-Right*, na qual “rescrevia” a origem da Alternative Right. Renunciou sua posição de trabalho no *website* após uma vídeo controverso no qual naturalizava a pedofilia (WENDLING, 2018, p. 121-5).

rivalidade inicial, o movimento acabou por reconhecer na Alt-Lite uma possibilidade de recrutamento, justamente pelo alcance mais fácil a mídia convencional, poderia ser uma porta de entrada de pessoas mais moderadas para ideias mais radicais, uma vez que a quantidade de acessos mensais totais ao *Breitbart News Network*, de setembro de 2016 até fevereiro de 2018, fora de 64 milhões, e 10,3 milhões de visitantes únicos (Ibid p. 27).

A expansão do *Breitbart* é tamanha que somente no mês de outubro desse ano, obteve uma média de 93,7 milhões de acessos, ao passo que o *National Review* – revista conservadora digital referência no país há mais de 50 anos – pontuou 14,3 milhões no mesmo período²⁶. Como o próprio Hunter Wallace pontuou, “cada Alt-Lite moderado lá fora é um potencial novo radical” (HAWLEY, 2017, p. 150, tradução nossa²⁷). Apesar das distinções, ambas possuem a mesma visão acerca da política: um embate constante entre “amigos” e “inimigos” (MAIN, 2018, p. 224). Mesmo Bannon tendo deixado a presidência do *site*, o *Breitbart*, como demonstram seus acessos, acabou por se expandir rapidamente pela Europa e Oceania. Quanto a Bannon, atuou como chefe da campanha de Donald Trump e, após a eleição, como estrategista chefe da Casa Branca e conselheiro sênior da presidência até agosto de 2017, quando, após os protestos da *Unite The Right*, fora exonerado por Trump – ficando clara uma ruptura de paradigmas entre as duas figuras nos meses que se seguiram. Em 2018, passou a atuar como consultor político e criou uma fundação de partidos e políticos nacionalistas chamada *O Movimento*, marcando presença em campanhas europeias e, até mesmo, na corrida presidencial brasileira (SENRA, 2018).

Aliado ao *Breitbart*, a expansão do movimento – tanto da ala mais radical quanto mais moderada – através das redes sociais, especialmente pelo *Twitter*, complementa a forte influência da Alternative Right na cultura digital. Desde canais no *YouTube*, como o falecido canal do *InfoWars* de Alex Jones²⁸, a contas anônimas no *Twitter*, o alcance ao *mainstream* após o discurso de Hillary denunciando a Alt-Right, em 25 de agosto de 2016 (HAWLEY, 2017, p.122) – somado à constante

²⁶ Dados compilados através da ferramenta *SimilarWeb*.

²⁷ every Alt-Lite moderate out there is a potential budding radical (HAWLEY, 2017, p. 150).

²⁸ *Website* famoso por fabricar teorias conspiratórias, como a ideia de que o 11 de setembro fora fabricado pelo governo, e por propagar ideias ligados ao movimento – mesmo não possuindo uma ligação direta ou oficial. Em 2018, tanto Jones quanto seu site foram banidos de todas as redes sociais possíveis, uma vez que a propagação de *fake news* e discurso de ódio acabou por exigir que essas empresas tomassem alguma posição frente o espaço que suas plataformas estavam dando (WENDLING, 2018, p. 178-180).

percepção de que a postura intransigente de Trump seria uma possibilidade de expandir, aos poucos, a *Overton Window* – criou uma mobilização em redes sociais a favor da candidatura de Donald Trump. A coordenação virtual de acadêmicos, influenciadores digitais, jornalistas e *hackers* ligados à Alternative Right havia se iniciado com dois objetivos: aniquilar a imagem de Clinton e cultuar a figura de Trump, ou como o próprio movimento apontava, *to meme a president to the top* (NEIWERT, 2017, p. 328).

Desde as táticas mais simples, como a disseminação dos e-mails da democrata, até as mais absurdas, como a constante associação ao *Pizzagate*, a Alt-Right fornecia a munição com a qual o republicano sabia atacar através de seu *Twitter*, comerciais e debates. Trump dava carisma ao movimento e, mesmo sabendo que de longe era o indivíduo que iria defender o nacionalismo branco, a Alt-Right viu que sua vitória em relação a uma candidatura que representava tudo que um republicano médio abominava – mulher, política convencional e representante dos liberais – seria um belo começo. Dessa forma, Hillary foi a adversária perfeita de Trump e da Alternative Right (HAWLEY, 2017, p. 117-128). Nunca houve uma associação direta entre Trump e o movimento, uma vez que o atual presidente sempre visava se distanciar e condenar o nacionalismo branco ao longo de sua campanha. Todavia, a Alt-Right compreendia a estratégia de Trump como um distanciamento estratégico, uma vez que, ao mesmo tempo em que condenava seus membros, fazia um *retweet* em seu perfil oficial de uma publicação com a *#WhiteGenocide*²⁹. Se essa tática era a necessária para vencer Clinton, conquistando o eleitor médio não simpático ao nacionalismo branco, a Alt-Right, por ser um movimento meta-político, a compreendia perfeitamente (NEIWERT, 2017, p. 285-9).

Após a eleição de Donald Trump, era de se esperar que a Alt-Right clamasse vitória pelo resultados das eleições. Apesar de uma forte campanha virtual, pontuar categoricamente que as ações do movimento levaram a campanha de Trump para a Casa Branca, seria irresponsável. Outros fatores foram mais decisivos, como o escândalo dos e-mails de Clinton – amplamente divulgados pela mídia convencional

²⁹ Narrativa conspiratória do movimento na qual há uma mobilização da elite judaica e de multiculturalistas internacionais para exterminar, com base na miscigenação e na premissa de uma sociedade multicultural, a presença de brancos puros como a raça política dominante no ocidente. Logo, a palavra genocídio é empregada como uma tática silenciosa de longo-prazo (WENDLING, 2018, p. 48-49).

nas últimas semanas de outubro – e o vazamento de e-mails do Comitê Nacional do Partido Democrata, denotando uma sabotagem da candidatura oficial de Bernie Sanders (NEIWERT, 2017, p. 327-9). O alto volume de *fake news* nesse período poderia ser um fator que ligaria diretamente a Alt-Right com o resultado da eleição, todavia, não foram somente *sites* próximos ao movimento que as produziram, uma vez que muitas dessas se originaram na Macedônia, sendo elaboradas por um grupo de jovens autônomos que não detinham qualquer ligação com a extrema-direita – tendo como único intuito lucrar com cliques de notícias que favoreciam Trump (WENDLING, 2018, p. 208-9). Mesmo com outros fatores determinantes, Richard Spencer optou por registrar a vitória do movimento em seu *twitter*, “A Alt-Right foi declarada a vencedora. A Alt-Right está mais profundamente ligada ao populismo trumpiano do que o ‘movimento conservador’. Nós somos o *establishment* agora” (NEIWERT, 2017, p. 328, tradução nossa³⁰).

5. Internet, *The Final Frontier: A democratização do discurso virtual*

Durante os protestos da *Unite The Right*, ocorridos em Charlottesville, Virgínia, em meados de 2017, fora possível observar desde manifestantes carregando bandeiras dos Confederados e do Kekistão³¹, até bandeiras neonazistas, desfilando com tochas acesas aos gritos de “não seremos substituídos” e “poder branco!”. Apesar do choque social e político que se seguiu, a *Electronic Frontier Foundation* (EFF) – organização sem fins lucrativos que visa defender o direito de liberdade de expressão no âmbito virtual – manifestou-se contra a expulsão de vários nacionalistas brancos que foram expulsos de plataformas digitais, como *Facebook* e *YouTube*: “Acreditamos que ninguém – nem o governo e nem empresas comerciais privadas – deveria decidir quem fala e quem não fala” (apud DANIELS, 2018, p. 62, tradução nossa³²). De certa forma, a colocação da EFF não está incorreta. Permitir que determinados usuários sejam retirados de

³⁰ The Alt-Right has been declared the winner. The Alt-Right is more deeply connected to Trumpian populism than the ‘conservative movement. We’re the establishment now (NEIWERT, 2017, p. 328).

³¹ O movimento utiliza o termo *Kek* para se referir a seus membros em relação aos *normies* – os que estão de fora do movimento. Essa palavra originou-se de um personagem de um jogo virtual que, coincidentemente, também faz referência ao deus egípcio do caos, representado por uma figura com a cabeça de um sapo. Dessa forma, o *meme Pepe the frog*, tornou-se o símbolo principal da Alt-Right. A bandeira do *Kekistan*, conseqüentemente, representa uma sociedade fictícia, como uma forma satírica que se referem a sua esfera cultural e política (HECHT, 2017).

³² we believe that no one – not the government and not private commercial enterprises – should decide who gets to speak and who doesn’t (apud DANIELS, 2018, p. 62).

determinadas plataformas como forma de combate à intolerância pode gerar resultados enviesados: qual é o parâmetro do discurso aceitável para essas empresas ou Estados? Valores institucionais – até mesmo tratando-se de discurso de ódio – variam com o tempo, local e contexto, logo, há como advogar contra a censura desses indivíduos (SHALLIT, 1996).

A internet sem fronteiras, ou seja, a liberdade plena de manifestações de ideias, opiniões e valores diversificados foram fatores que contribuíram para que o ciberespaço evoluísse para o patamar de amplas redes sociais e de comunidades seguras com mais de 4,2 bilhões de usuários ativos (INTERNET WORLD STATS, 2018). Desde arranjos sociais simples, como reunir indivíduos, até arranjos mais complexos, como mobilizações políticas em forma de protestos, o espaço cibernético internacional pode ser

[...] considerado como separado e aparte da realidade. O ciberespaço, assim diz o argumento, é uma realidade virtual, cujo o conteúdo "existe, com efeito, em todos os lugares, em nenhum lugar em particular e só na net." David Johnson e David Post escrevem: "não há nenhum conjunto geograficamente localizado de constituintes com uma reivindicação mais forte e mais legítima para regulá-lo do que qualquer outro grupo local (TSESIS, 2001, p. 821, tradução nossa³³).

Logo, abordar uma forma de regular esse espaço seria um atentado contra os princípios pelos quais ele fora criado desde sua concepção inicial pelo governo norte-americano na ARPANET (1969) e na USENET (1979), que continha os primeiros fóruns de discussão, com o intuito de realizar comunicações ininterruptas entre duas partes, em distâncias longas, mesmo que uma rota elétrica fosse destruída – logo, estabelecer um link de comunicação de ideias entre diferentes indivíduos (TSESIS, 2001, p. 826-7). Todavia, não aplicar determinadas leis e restrições que o espaço físico detém para o espaço virtual não leva em consideração a seguinte relação: discursos virtuais afetam discursos e ações no mundo real (Ibid, p. 831).

Além do mais, o paradoxo da tolerância do filósofo austro-britânico, Karl Popper, torna-se adequado na polêmica do discurso livre on-line, já que estabelece que, se uma sociedade é tolerante sem limites claros, o curso natural é que os

³³ Cyberspace is regarded as separate and apart from reality. Cyberspace, so the argument goes, is a virtual reality, the contents of which "exist, in effect, everywhere, nowhere in particular, and only on the Net." David Johnson and David Post write, "[t]here is no geographically localized set of constituents with a stronger and more legitimate claim to regulate it than any other local group (TSESIS, 2001, p. 821).

intolerantes ascendam e ganhem espaço, destruindo aqueles que eram tolerantes. Seria possível argumentar que a tolerância defendida por Popper é uma forma de intolerância, uma vez que qualquer discurso desagradável poderia ser considerado como “intolerante”. Todavia, Popper é certo ao estabelecer algumas condições de aplicação desse paradoxo: àqueles que se recusam a engajar em discussões com base em argumentos racionais e que respondam a racionalidade com violência ou com o objetivo de eliminar terceiros (1945, p. 106-113). Sendo assim, o paradoxo proposto acima reflete, de certa maneira, o terreno propício no qual a Alt-Right fora capaz de desenvolver-se no decorrer de mais de uma década, já que a capacidade de utilizar o discurso livre para transmitir ideias foi abraçada tanto por amantes da democracia, quanto por grupos racistas.

Aliado ao discurso livre, os algoritmos complementam a força de grupos de ódio racial, justamente por fornecerem resultados de pesquisa para aqueles que buscam confirmação de suas noções racistas, conectando “recém-racistas” com racistas de longa data no meio digital. Ao pesquisar “crimes de negros contra brancos” milhares de opções – em sua maioria, ampliando o viés de confirmação – são apresentadas a um indivíduo, além de levar tópicos de discussão desses grupos e movimentos para o *mainstream*, graças a sites de notícias e redes sociais. Logo, ao mesmo tempo em que diversas companhias apontam que a internet é uma plataforma “sem raça”, questões raciais são implementadas através dos algoritmos (DANIELS, 2018, p. 62). Como abordado anteriormente, sendo os nacionalistas brancos “oportunistas inovativos”, não deveria ter sido uma surpresa a imersão deles em novas tecnologias, como o cinema no caso da *Ku Klux Klan*, e do espaço cibernético como no da Alternative Right.

6. Considerações Finais

Em 12 de agosto de 2018, membros do movimento decidiram organizar em Washington D.C. uma manifestação de aniversário dos protestos da *Unite The Right* de 2017. Ironicamente, esses protestos acabaram por unir diversos movimentos sociais e políticos da esquerda, ultrapassando facilmente o número de manifestantes em prol do nacionalismo branco. Estaria então a Alt-Right perdendo fôlego? Como todo e qualquer movimento político – como o próprio Spencer classificou o movimento após a vitória de Trump – estaria se desgastando e caminhando aos poucos na direção de se tornar um *establishment* tradicional e pouco atrativo? De

certa forma, tornar-se o *establishment* não é benéfico à Alternative Right, uma vez que essa posição não é conciliável com a essência e diferencial do movimento: algo transgressivo, às margens da sociedade política norte-americana, portando-se como o único movimento capaz de combater as conspirações que buscam destruir a identidade anglo-saxã.

Com o sucesso do *Breitbart* e de Steve Bannon há um claro dilema entre a ala mais tradicional da Alt-Right: calibrar o discurso e usufruir dos ganhos de carregar esse movimento meta-político com uma dosagem menor do identitarianismo, ou deixar que os *trolls* manchem a “seriedade” da Alternative Right e que arrastem o movimento de volta para o *4chan*? O primeiro *site* criado por Spencer e, posteriormente, administrado por Colin Liddell, alterou nesse ano seu nome de *AlternativeRight.com* para *AffirmativeRight.com*, como uma forma de se afastar de “uma marca quebrada”. É nesse momento de alcance total ao *mainstream* que o aspecto meta-político e da liberdade plena de seus membros faz com que o movimento encontre mais dificuldades do que, por exemplo, a *KKK*, que possui estruturas claras e organizadas. Independentemente de qual futuro está reservado a Alternative Right, há questões graves a serem pontuadas.

Primeiro, a liberdade de expressão digital aliada ao aspecto do anonimato será uma problemática constante e cada vez mais grave quando se trata de discurso de ódio on-line, justamente pelo fato de que, ao banir um nacionalista branco, a percepção comum é de que há uma perseguição de empresas privadas, como o *Facebook* e o *Twitter*, a indivíduos que, por mais ofensivos que possam ser suas colocações, estão tendo sua liberdade de expressão cerceada. Além disso, não há como impedir que possam vir a criar novas contas com usuários distintos. Logo, como abordado ao longo do trabalho, quantificar uma demografia clara da Alternative Right é um desafio constante com amplos entraves metodológicos. Sendo assim, Praticar o *doxing* contra radicais – tática já usada a favor e contra membros da Alt-Right – apresentaria certa eficiência, ao mesmo passo em que necessita da ação de *hackers*, dificilmente vindo a ser usada como uma tática de combate institucionalizada por ser extremamente antiética.

Segundo, estariam essas empresas dispostas a revisar os algoritmos que empregam em suas redes sociais, buscando evitar que notícias de *sites* como o *The Right Stuff* ou o *Breitbart News Network* apareçam no *feed* de notícias de um usuário do *Facebook*? A contínua “bolha” de viés de confirmação criada em cada usuário de

uma rede social auxilia na radicalização política deste, uma vez que, dificilmente, serão recomendados conteúdos políticos que vão contra suas crenças e valores políticos. Com o alcance de ideais da Alt-Right em redes sociais, juntamente com a liberdade de expressão, essas plataformas tornaram-se espaços livres de radicalização de discursos. Há claros esforços por parte do *Google*, *Facebook* e o *Twitter* em reorganizar os resultados de busca de determinados tópicos radicais, como o *white genocide*, visando minar a visibilidade dessa modalidade de discussão de suas plataformas. Logo, as redes sociais e *sites* de busca devem tomar para si a responsabilidade de serem *gatekeepers* éticos e eficazes com a informação digital que está sendo transmitida, isto é, não esperar que nacionalistas brancos ganhem uma grande audiência para somente depois serem banidos e retratar a sociedade política como ela é – um embate constante entre ideias antagônicas com o respeito mútuo assegurado –, mesmo que isso signifique desagradar um pouco seus clientes.

Finalmente, combater o radicalismo em qualquer espaço consiste na importância e no palco que lhe é dado. O tempo e os argumentos complexos despendidos para contrapor ideais conspiratórios ou extremistas, normalmente, são em vão, uma vez que o radicalismo, mesmo podendo não ser dotado de uma lógica causal clara, apela para a reserva emocional de diversos indivíduos. Se Clinton, em seu discurso de 25 de agosto de 2016, tivesse optado por não dar a devida atenção a Alt-Right, teria a mesma ganhado a projeção que ganhou? De forma alguma movimentos como esse devem passar despercebidos, o ponto crucial reside no que deve ser perguntado a eles. Por quê fazer uma pergunta a um nacionalista branco sobre identidade branca – sendo que essa é a sua ferramenta de radicalização – ao invés de o indagar sobre assuntos mais específicos como a inflação, desemprego ou a taxa de juros? Assuntos que, de fato, afligem o cidadão médio. Como no exemplo histórico da carreira cinematográfica da *Ku Klux Klan*, cabe à sociedade digital e à classe política em queimar o solo no qual a Alternative Right se desenvolve, abdicando de candidatos políticos que, mesmo com altas chances de ganharem uma corrida eleitoral, visam somente se promover perante ideais e valores contrários ao do próprio partido – os verdadeiros demagogos –, tornando o espaço cibernético um local com uma distinção clara entre liberdade de expressão e discurso de ódio, e não em um megafone para nacionalistas brancos.

Referências Bibliográficas

ALTRIGHT.COM. *Front page*. Disponível em: <<http://alternativeright.com/>> Acesso em 22 de novembro de 2018.

AMERICAN REINASSANCE. *About Us*. Disponível em: <<https://www.amren.com/about/>> Acesso em 21 de novembro de 2018.

BRITANNICA. *Meme: Cultural Concept*. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/meme>> Acesso em 26 de novembro de 2018.

DANIEL, J. *The algorithmic rise of the "alt-right"*. New York: American Sociological Association, v. 17, n. 1, 2018, p. 60-65.

HAWLEY, G. *Making Sense Of The Alt-Right*. New York: Columbia University Press, 2017, 218 p.

HECHT, J. *What Is The Kekistan Flag? Here's What's Behind That Obscure "Alt-Lite" Banner*. Disponível em: <<https://www.bustle.com/p/what-is-the-kekistan-flag-heres-whats-behind-that-obscure-alt-lite-banner-2367689>> Acesso em 19 de outubro de 2018.

INTERNET WORLD STATS. *World Internet Users and 2018 Population Stats*. Disponível em : <<https://www.internetworldstats.com/stats.htm>> Acesso em 19 de novembro de 2018.

LIDDELL, C. *Walking Away From a Broken Brand*. Disponível em: <<https://affirmativeright.blogspot.com/2018/04/walking-away-from-broken-brand.html>> Acesso em 22 de novembro de 2018.

LYONS, M. *CTRL-ALT-DELETE: The origins and ideology of the Alternative Right*. Political Research Associates, 2017, 22 p.

MAIN, T. *The Rise Of The Alt-Right*. Washington: The Brookings Institution, 2018, 303 p.

McANDREW, T. *The History of the KKK in American Politics*. Disponível em: <<https://daily.jstor.org/history-kkk-american-politics/>> Acesso em 12 de novembro de 2018.

NAGLE, A. *Kill All Normies: Online Culture Wars From 4chan and Tumblr To Trump and The Alt-Right*. United Kingdom: Zero Books, 2017, 120 p.

NEIWERT, D. *Alt-America: The Rise of the Radical Right in the Age of Trump*. New York: Verso, 2017, 651 p.

NOELLE-NEUMANN, E. *A Espiral do silêncio, opinião pública: nosso tecido social*. Editora Estudos Nacionais, 2017, 340 p.

OXFORD DICTIONARIES. *Definition of meme in English*. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/meme>> Acesso em 17 de setembro de 2018.

POPPER K. *The Open Society and Its Enemies – Volume 1: The Spell Of Plato*. London: George Routledge & Sons, 1945, 268 p.

RADIX JOURNAL. *About: Radical Identity*, Disponível em: <<https://radixjournal.com/about/>> Acesso em 22 de novembro de 2018.

RICE, T. *How the Ku Klux Klan Used Cinema to Become a Force in America*. Disponível em: <<https://newrepublic.com/article/125505/ku-klux-klan-used-cinema-become-force-america>> Acesso em 17 de novembro de 2018.

SHALLIT, J. *The Real Meaning of Free Speech in Cyberspace*. Disponível em: <<https://cs.uwaterloo.ca/~shallit/b2000.html>> Acesso em 19 de novembro de 2018.

STORMFRONT. *Welcome To Stormfront*. Disponível em : <<https://www.stormfront.org/forum/index.php>> Acesso em 21 de novembro de 2018.

TEIXEIRA, C. Quatro temas fundamentais do pensamento neoconservador em política externa. *Revista Brasileira de Política Internacional*, on-line, São Paulo, v. 50, n. 2, 30 de agosto de 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v50n2/a06v50n2.pdf>> Acesso em 15 de agosto de 2018.

TSESIS, A. *Hate in Cyberspace: Regulating Hate Speech on the Internet*. Chicago: Loyola University Chicago, School of Law. 2001, p. 817-874, Disponível em: <<https://lawecommons.luc.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1289&context=facpubs>> Acesso em 19 de novembro de 2018.

VDARE. *About: Our Principles, Explained*. Disponível em: <<https://vdare.com/about>> Acesso em 22 de novembro de 2018.

WENDLING, M. *Alt-Right: From 4chan to the White House*. London: Pluto Press, 2018, 616 p.

MAYER, J. *New Evidence Emerges of Steve Bannon and Cambridge Analytica's Role in Brexit*. Disponível em: <https://www.newyorker.com/news/news-desk/new-evidence-emerges-of-steve-bannon-and-cambridge-analyticas-role-in-brexit?fbclid=IwAR0t6msH0gW9OscZkRulFvcexiVe02kp-0v_6N1Q_tHXKNEaRiS-Z0vf5Uk> Acesso em 28 de novembro de 2018.

SENRA, R. *Steve Bannon declara apoio a Bolsonaro, mas nega vínculo com campanha: 'Ele é brilhante'*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45989131>> Acesso em 28 de novembro.